

O som da alma: a constituição psíquica embalada pela voz materna¹

Vlória Zenkner Schmidt²
Aline Santos e Silva³

Resumo: A partir de um conto vivencial, as autoras exploram a ideia da constituição psíquica derivada da musicalidade da voz materna. Discute-se que aquilo que a mãe narra, conta e compartilha de sua história familiar será parte do estofo ambiental para o vir a ser da subjetividade do bebê. A partir do conto, revela-se a teia intergeracional onde a voz, com sua textura, ritmo e na base da pré-história materna, funciona como veículo de investimento que libidiniza o bebê.

Palavras-chave: Constituição psíquica. Musicalidade. Narratividade. Voz materna.

Ela nasceu... Nossos primeiros momentos foram uma avalanche de afetos. Um amor gigante me inundou, mas havia junto um estranhamento. Eu me perguntava: como eu cuido dela? O que eu preciso fazer para que ela se torne alguém? No encontro de nossos corpos, de nossos cheiros e de nossos sons, um enlace foi se tecendo. Mais do que isso: um nó. Adveio o choro, o desconforto da fome, da luz, do barulho, dos tantos estímulos. Pensei: “tão protegida ela estava dentro de mim e agora tenho que seguir assegurando esta proteção”. Passei a acalmá-la. Nas noites não dormidas, constituíamos um ritmo ainda um tanto dissonante.

¹ Trabalho apresentado na Jornada da SBPdePA “O Nascimento do Eu”.

² Psicóloga. Docente e Supervisora do ITIPOA Psicanálise e Criatividade. Membro do Instituto da SBPdePA.

³ Psicóloga. Docente e Supervisora do ITIPOA Psicanálise e Criatividade. Membro do Instituto da SBPdePA.

Winnicott (1958/2000), numa fala bastante provocadora, nos diz: “não existe tal coisa chamada bebê”. O que existe, para ele, é uma indissociabilidade da díade mãe-bebê, sendo que o bebê não pode ser pensado sem a mãe e vice-versa. Essa dupla inicia sua constituição na gestação, este estranho único momento dois em um: dois corpos, um espaço. Apesar das inúmeras dificuldades físicas e psíquicas que a gravidez possa apresentar, após a cesura do nascimento a mãe terá que encarar o bebê, objeto-outro-estranho. E o bebê, terá que encarar a mãe, percebendo-se no olhar dela, sem ainda saber que ela é “mãe”. Ela está ali, devotada; ele está ali e passa a existir. A avalanche de afetos presentes predispõe todo o ambiente a se tornar movediço. O corpo feminino leva meses para se adaptar à barriga que cresce, à coluna que arqueia, à caixa torácica que tem menos espaço. Após o parto, rapidamente o corpo feminino adquire uma nova feição, ainda um tanto disforme. A barriga agora é bebê, e este demanda e chora. E esse é o ponto de partida da história que vamos contar.

Tisseron, como citado em Guerra (2016), pontua que as primeiras influências do ambiente sobre a vida psíquica começam já no estado fetal. Ruídos e formas vocais (assim como a movimentação corporal) marcam o bebê por nascer, evidentemente de modo que escapa à noção de “entendimento”. Essas marcas, porém, se presentificarão no posterior encontro da dupla mãe-bebê, encontro originário e arcaico, no qual o bebê será inundado e confrontado com um mundo de significados que extrapolam, em muito, sua capacidade de apreensão. Na busca de dar algum contorno ao que estão precocemente vivenciando, os bebês, usualmente, choram.

Segundo David (2006), o choro do bebê demonstra o desconforto que pode, ou não, ter o registro da dor. Certamente, não é a única possibilidade de entendimento para o choro do bebê. Mas é somente a partir dessa descarga sonora que uma pessoa, geralmente a mãe (ou aquela pessoa que vá desempenhar a função materna), poderá voltar-se ao bebê e realizar ações específicas que o acalmem. No encontro desses sons emitidos através de gritos com a representação materna e seus cuidados, a experiência de prazer pode se constituir para o recém-nascido. É necessária certa articulação do ambiente com seu ritmo e sonoridade, e, assim, o aparelho psíquico inicia sua constituição.

Eu e ela começamos a encontrar um ritmo. A mamada, a fralda, o colinho. Por vezes, mesmo tudo “organizado”, o choro segue. Como adivinhar o que se passa com um bebê? Em um movimento espontâneo e não pensado, passo a embalar minha bebezinha em meus braços. Suave, começo a cantarolar... “aia pompáia, tuti litaia”. Nem me dou conta... São palavras sem sentido aparente, ou será que desejam comunicar algo? De onde vem esta música?

Esses sons inexplicáveis produzidos por uma “mãe devotada comum” (Winnicott, 1958/2000) compõem um fundo que logo terá continuidade em voz, arrulho ou canto e formam parte da vivência de ser contido e sustentado pela mãe (Zac de Filc, 2005). Inclusive, Anzieu (2000) preconiza que as sensações táteis, os cuidados maternos, são parte importante da constituição dos limites e das fronteiras do Eu corporal. Refere, do mesmo modo, que essa noção de dentro-fora se estabelece também a partir da introjeção do universo gustativo, olfativo e sonoro. A mãe é apreendida toda: toque, gosto, cheiro e som. Nessa apreensão, o eu do bebê se constrói. A esse espelho das trocas sonoras precoces, o autor chama de pele auditivo-fônica, cuja potencialidade seria significar e, gradualmente, simbolizar aquilo que o bebê escuta. Ainda segundo Anzieu (2000), o auditivo é anterior ao que possa ser refletido pelo rosto da mãe, ou seja, é processo anterior à construção do eu a partir dos sinais visuais. O sonoro seria, assim, a camada onde se repousa outras aquisições em sua constituição, pois antes do olhar produzir para o bebê uma imagem de si é a voz da mãe, com suas cantigas, que fornece um banho melódico que irá proporcionar a existência do aparelho psíquico. Para Didier-Weill (1997a), a musicalidade presente na voz da mãe faz um chamamento irresistível, uma pressão de aceitação, por parte da criança, e deixa traços onde, posteriormente, a palavra poderá germinar.

Brun (2018), ao conceitualizar as formas primárias de simbolização, refere-se ao arcaico como princípio organizador do psiquismo. Postula que o conceito do arcaico remete à construção de aspectos da psique que foram organizados em um passado distante, mas que, ao longo da vida, serão retomados e reorganizados. A vivência do bebê é o arcaico. Para a mãe, por outro lado, a gestação e o puerpério são momentos-chave em que esse reordenamento supracitado impera. Como o arcaico remete à construção do vínculo com o objeto e os posteriores processos de diferenciação deste mesmo objeto, pode-se dizer que a mãe, ao se tornar objeto do seu bebê, também revive sua posição enquanto bebê demandante do olhar de seu objeto primordial. Por tal motivo, as cadeias intergeracionais (Kaës, Faimberg, Enriquez e Baranes, 2001) podem se manifestar com contundência nesse momento. A musicalidade da voz não apenas marca o bebê com o auditivo, bem como, no dito e não dito, o insere na cadeia familiar.

Portanto, através da voz uma parte do investimento afetivo se costura. A mãe é quem poderá garantir que as experiências sensoriais dessa ordem façam sentido para seu bebê. Essa forma particular que os adultos se direcionam à criança, com entonações melódicas em sua voz que fixa a atenção do bebê, é chamada de manhês. Pierotti, Levy e Zornig (2010) explicam que esse idioma especial trazido por essa música composta pelo agente materno invoca uma promessa de prazer. Isso garante a troca do ruído do caos sonoro ao nascer por uma

“sincronia significante”, mesmo que não compreensível. O bebê precisa se deixar seduzir pela voz materna, voz esta que é marcada pela intensidade, bem como pelo ritmo. O ritmo do manhês, que se associa ao ritmo dos poemas, constitui uma base na qual a dupla pode, gradualmente, organizar a temporalidade e as sensorialidades presentes no encontro (Guerra, 2017).

Ao cantar “aia pompáia, tuti litaia” me apercebo que nem sei ao certo quando esta canção entrou em minha vida. Este significativo “tatibitate” musicalizado foi entoado por minha mãe para mim. Ela cantou para meus irmãos também e, segundo consta, também sua mãe cantou para ela. Não sei quando isso começou, há quantas gerações tal melodia se reproduz com esse dialeto quase intraduzível aos que ouvem de fora da dupla. São gerações de mães em busca de significar a experiência de ser/estar com seu bebê.

Sabemos, desde o texto freudiano *Projeto para uma psicologia científica* (1950/1996), que toda representação psíquica nasce de uma percepção. Em primeiro lugar, há a sensação do bebê. A sequência, para tornar-se um Eu e constituir um mundo interno, passa pelo interjogo com o encontro materno. É apenas a partir da continência, a fim de chegar a posterior nomeação, que a mãe metamorfoseia o que se passa naquela vivência. Se tudo corre bem, o registro que fica é da transformação do excesso em alívio, gerando a marca do prazer.

Freud já nos anunciava, desse modo, que o princípio fundamental do aparelho psíquico é o de descarga. Se o bebê sente fome, ele irá em busca de ser saciado, descarregando o afeto que o acúmulo da fome deixa dentro de si. Logo, o fluxo de energia acumulada é o que gera, por esse ponto de vista, o desprazer. O choro do bebê, portanto, terá a função de convocar a mãe, esta que virá suprir a demanda da pulsão. Pulsão e bebê, consequentemente, serão acalmados. É na repetição dessa dupla demanda-ação específica que uma memória de alívio vai sendo registrada. As experiências intrapsíquicas se estabelecem via repetição dos cuidados. A repetição da musicalidade compõe este quadro do cumprimento da demanda: assim como o bebê tem fome de leite, tem fome de afeto. O intersubjetivo dando forma ao intrapsíquico.

A linguagem, portanto, não é dominada pela língua. Nasce, outrossim, no contato com o objeto. Golse (2003) pontua que o encontro entre o adulto e o bebê se estabelece como um “espaço da narratividade” que remete, fundamentalmente, à atividade de ligação. O bebê, inserido nessa cadeia, depende de a mãe lhe oferecer sentidos, para que, assim, ele se aproprie desses ditos como seus. É apenas através do encontro do que vai sendo percebido pelo bebê através de seu corpo, e que se soma ao que a mãe reitera de tais sensações, que se inaugura a representação psíquica. Quando há um desencontro dessas vias, abre-se uma brecha para outros desencontros e a futura emergência de

quadros de sofrimento psíquico. Como nos relembra Rodolfo (1999), o corpo da mãe, em todos seus aspectos biológicos e psíquicos, é o primeiro lugar que o ser humano ocupa. Portanto, toda a inscrição do “ser” do bebê vive, nesse início, no corpo da mãe. A voz materna, desse modo, é ponto de ancoragem para o desenvolvimento do senso de si mesmo.

Fico curiosa: será que minha avó inventou esta canção de ninar? Quem sabe minha bisavó? Não sei... Mas está na família faz muito tempo. Agora me pego cantando para minha bebê e sei que isso a acalma. O que a embala são os braços de muitas mulheres que me precederam nesta lida artesanal de oferecer subjetividade a alguém. Devaneio: um dia, quem sabe, ela cantará a seus filhos também. Com o som da minha voz tento criar um contorno que alivie sua angústia, seus medos... Claro, canto para aliviar meus temores também...

Não podemos nos furtar de discutir o quanto somos todos portadores de uma herança que funda nossa vida psíquica e que nos torna pertencentes a um sistema pré-estabelecido. Naturalmente, o grupo que sustenta essa transmissão é a família, mas que irá se inaugurar através dos enlaces iniciais com a mãe. Será a partir dessa troca que uma marca se efetivará na construção da identidade do sujeito. Sendo assim, a voz de uma mãe pode congrega uma série de vozes (in) familiares.

Kaës et al. (2001) refere que é da pré-história tramada antes do nascimento do sujeito que parte do inconsciente emerge. Entretanto, são aspectos que se revelam no *a posteriori*. O começo do sujeito o inscreve em uma intersubjetividade primordial. “*Aia pompáia, tuti litaia*” seria, desse modo, o intersubjetivo atualizado no puerpério, marcando o bebê recém-nascido.

Pensamos a vinhetas, assim, como um exemplo de transmissão intergeracional: aquela que passa de uma geração a outra, que contará a história de um sujeito e que estará a serviço dos vínculos. Trata-se de um processo não invasivo, e que, ao contrário, resguarda as bordas da subjetividade na relação entre si e o outro. Esse trabalho psíquico favorece transformações e conduz a uma diferenciação entre o que é transmitido e o que é herdado (Trachtenberg, 2007). Nas transmissões exitosas, o escudo materno cumpre sua meta e a mãe pode investir em seu bebê. A voz, com sua textura, ritmo e na base da pré-história, é o veículo desse investimento que libidinizava o bebê. Embalado pela voz materna, nasce, a partir da cantiga, um EU.

Minha filha já cresceu e eu já não lhe canto mais. Cantamos juntas outras tantas músicas. Porém, em minha curiosidade sigo pensando sobre essa cantiga. Decido investigar sua origem. Converso com minha mãe e esta sugere que eu fale com minha tia, pois, por ser mais velha, ela quem tem mais “conhecimento sobre as histórias da família”, diz minha mãe. Como minha avó falava alemão, penso se não

seriam palavras do vocabulário alemão. Envio mensagem para a minha tia e ela, muito feliz em me ajudar, me envia uma sucessão de canções em alemão, a maioria completamente estranhas a mim. Ai lhe pergunto: “E o aia pompáia?” Ela não lembrava desta música! Seu conhecimento era sobre aquelas canções já imersas numa linguagem formal, traduzível. Minha tia fala um pouco de alemão, minha mãe, não. Cada um aprendeu um idioma diferente com sua mãe. É incrível como na sucessão da língua materna uma mãe pode transmitir a seus bebês diferentes significados: minha mãe aprendeu outra língua, tão importante quanto o idioma trazido de seus antepassados. Esta língua singular, que com certeza embalou o encontro dela e da minha avó. E embalou o meu e de minha filha. Minha avó já é falecida, morreu com ela a gênese “oficial” desta canção, gênese esta que permanecerá perdida para as gerações seguintes. Algo mais importante se manteve, contudo: a comunicação afetiva do “aia pompáia, tuti litaia” e o significado que isso adquiriu para mim.

Esta passagem final confirma o que nos fala Victor Guerra (2017): a construção do vínculo entre uma mãe e seu bebê é repleta de encontros e desencontros, clarezas e obscuridades e harmonias e desarmonias. Como uma sinfonia inacabada, a possibilidade do encontro e a potencialidade para a qualidade do vínculo sempre se reescrevem a cada novo filho.

The sound of the soul: psychic constitution rocked by maternal voice

Abstract: Beginning with a short history, the authors explore the idea that the psychic constitution emerge within the musicality of mother’s voice. In this paper, the authors discuss the importance of mothers that are able to narrate, tell and share about familiar history, because this became part of the ambiental upholstery of the subjectivity of the baby. The short history, gradually reveals the intergenerational net, where the voice, with its textures and rhythm works as an investment that libidinizes the baby.

Keywords: Maternal voice. Musicality. Narrativity. Psychic constitution.

Referências

- Anzieu, D. (2000). *O eu-pele*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Brun, A. (2018). A escuta das formas primárias de simbolização no trabalho analítico. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 52(2), 35-53.
- David, C. M. (2006). A musicalidade da fala – o objeto sonoro em Freud. *Revista Reverso*, 28(53), 107-112.

Didier-Weill, A. (2014). *Nota azul: Freud, Lacan e a arte*. Rio de Janeiro: Contra Capa.

Freud, S. (1996). Projeto para uma psicologia científica. In J. Strachey (Ed. e Trad.) *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950)

Golse, B. (2003). *Sobre a psicoterapia pais-bebê: Narratividade, filiação e transmissão*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Guerra, V. (2016). Formas de (des)subjetivação infantil em tempos de aceleração: Os transtornos de subjetivação arcaica. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 23(1), 137–158.

Guerra, V. (2017). O ritmo, a musicalidade comunicativa e a lei materna na artesanaria da subjetivação humana. *Publicação Ceapia*, 26, 8-21.

Kaës, R., Faimberg, H., Enriquez, M., & Baranes, J. J (2001). *Transmissão da vida psíquica entre gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Pierotti, M., Levy, L., & Zornig, S. A-J. (2010). O manhês: Costurando laços. *Estilos da Clínica*, 15(2), 420-433.

Rodulfo, R. (1999). *Dibujos fuera del papel – De la caricia a la escritura en el niño*. Buenos Aires: Paidós.

Trachtenberg, A. R. (2007). A força da transmissão entre gerações e o transgeracional. *Psicanálise – Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*, 9(2), 341-354.

Winnicott, D. (2000). *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1958)

Zac de Filc, S. (2005). O papel continente dos elementos sonoros da interpretação. *Psicanálise – Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*, 7(1), 183-198.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 04/04/2022

Aceito em: 06/04/2022

Vlória Zenkner Schmidt
Av. Diário de Notícias, 400 / 805
90810-080 – Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: vladiaschmidt@gmail.com